

Tempos Difíceis: Peste, Preconceitos e Violência

Difficult Times: Plague, Prejudice and Violence

ROBASKI, M. R.¹

Sigmund Freud Associação Psicanalítica – SIG

Rua Marcílio Dias, 1431 S/103, Centro, 93.410-190, Novo Hamburgo, RS, Brasil

marialvarobaski@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe problematizar os impactos do real, do primitivo que brota e os efeitos da pulsão de morte que assolam o sujeito contemporâneo. Destrutividade, desumanização, negacionismo e intolerância às diferenças colore o cenário atual. Nosso conhecimento devia nos ajudar a viver melhor a vida. Mas, por que o humano luta contra a vida? Negamos a vida, quando recusamos a reconhecer a consciência radical do planeta como coletivo único, e continuamos na cultura do individualismo, do narcisismo, do consumismo, do imediatismo. Negação, denegação, recusa, cegueira... onde estamos e para onde vamos? O texto interroga, também, se estes tempos difíceis em que estamos vivendo podem ser uma oportunidade de despertar o indivíduo contemporâneo de seu transe narcísico ou se continuaremos alienados. Finalmente, propõe-se a refundação de um novo pacto civilizatório e da constituição de uma subjetividade em torno da vida.

Palavras-chave: Pulsão de morte; Negacionismo; Narcisismo.

Abstract: This article aims to problematize the impacts of the real, the flourishing primitive, and the effects of the death drive that ravage the contemporary individual. Destructiveness, dehumanization, negationism and intolerance to difference make up for the current scenario. Our knowledge should help us live a better life, but why does mankind fight against life? We deny it when we refuse to acknowledge the radical consciousness of the planet as a single collectivity, and when we keep embracing a culture of individualism, narcissism, consumerism and immediatism. Denial, denegation, refusal, blindness... Where are we now, and where are we heading? The text also poses a question on whether these difficult times we live in might be an opportunity for the contemporary individual to wake up from its narcissistic trance, or if we may all remain alienated. Finally, the article proposes the refoundation of a new civilizational pact, as well as the constitution of a new subjectivity that encompasses life.

Keywords: Death drive; Negationism; Narcissism.

Nestes tempos difíceis em que estamos vivendo, encontramos-nos todos atravessados por uma perturbadora multiplicidade do real, sob o efeito da irrupção do traumático e do recrudescimento de antigas práticas de negacionismo e intolerância às diferenças.

Deparamo-nos hoje com o primitivo que brota e nos vemos sob o efeito da pulsão de morte. A pandemia da Covid-19, racismo, homofobia, violência, ataque às minorias e às individualidades

¹ Psicóloga, Psicanalista

assolam o sujeito contemporâneo. Como vamos nos implicar com tudo isso? Ou não vamos? Será uma oportunidade de despertar o indivíduo contemporâneo de seu transe narcísico ou continuaremos alienados?

De acordo com Freud, 1927, em seu texto *O Futuro de uma Ilusão*, nos diz:

Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real é nos defender contra a natureza. (...) Ninguém, no entanto, alimenta a ilusão de que a natureza já foi vencida, e poucos se atrevem a ter esperanças de que um dia ela se submeta inteiramente ao homem. Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização (Freud, 1927/1969, p.26-27).

A civilização, a cultura, foram criados com o objetivo de facilitar a relação do homem com a natureza e a vida em sociedade. Nosso conhecimento devia nos ajudar a viver melhor a vida. Mas, por que o humano luta contra a vida? O ser humano luta contra a vida, contra a terra, quando destrói o meio ambiente, quando produz relações insustentáveis de descaso e indiferença entre humanos. Negamos a vida quando não aceitamos a morte, o sofrimento, a perda, a velhice, as rugas, a celulite. Nós queremos uma tecnologia que faça a vida não ser como ela é. Negamos a vida quando não suportamos que o outro exista, que possa ser, pensar e desejar diferente de nós. Negamos o estatuto de alteridade, onde o inimigo é a própria diferença. Negamos a vida, quando recusamos a reconhecer a consciência radical do planeta como coletivo único, e continuamos na cultura do individualismo, do narcisismo, do consumismo, do imediatismo.

Negação, denegação, recusa, cegueira... onde estamos e para onde vamos? Saramago (1995), no seu Ensaio sobre a Cegueira, nos convida a pensar:

Porque foi que cegámos, não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão(...). Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, cegos que veem, cegos que, vendo, não veem (Saramago, 1995, p.275).

Collete Soler (2020), em referência ao momento nebuloso da pandemia da Covid-19, diz que o “*pandemundo*” nos despertou de um sono do qual não nos dávamos conta. Lembrou que Lacan costumava dizer que nós despertamos de um pesadelo para continuar a dormir. Segundo Soler, vamos voltar a “*dormir*”, inclusive já estamos “*dormindo*”.

O mundo nunca mais será o mesmo. É verdade, não será. Mas, será que continuará sendo bastante do mesmo? Coisificamos a vida. A mãe terra não aceita a nossa velocidade crônica, a natureza grita “*ecocida!*” “*Socorro!*” A cotidianidade está marcada pela pressa, pela urgência e pela satisfação imediata. A exigência de eficiência, as metas de produtividade se sobrepõem à saúde do planeta e das pessoas.

Maria Rita Kehl (2009/2020), em seu livro *Tempo e o Cão: a atualidade das depressões*, faz uma crítica à visão capitalista do tempo: dizem que o tempo é dinheiro, isso é uma brutalidade, o tempo não é dinheiro. O tempo é o tecido da nossa vida.

Encontramo-nos, portanto, em uma corrida desenfreada, vivendo como zumbis medicados, alimentando uma lógica perversa de consumo, e alta performance, que produz frustração, adoecimento e depressão.

Aqui, Maria Rita Kehl (2009/2020) comparece novamente ao falar que a depressão é um sintoma social, intimamente relacionado à superutilização do tempo, efeito do acúmulo de coisas que se faz hoje em dia. Vive-se um tempo apressado, onde não se desfruta a vida. O fazer em detrimento do sentir e do pensar. É a ideia contida no ter para tentar ser. Estamos, portanto, em uma cultura no qual impera a problemática dos excessos. Excesso de estímulos, hiperconsumo e “*mandato a gozar*”.

A experiência da escassez do movimento que a pandemia da Covid-19 nos proporcionou, nos obrigou a uma “*parada forçada*”, tanto do ir e vir como também do consumo, da imediatez, da renúncia forçosa a qualquer experiência capaz de produzir prazer. Abrindo a possibilidade da descoberta que se pode viver com menos, e que a gente sobrevive. Por que afinal, não podemos barrar o princípio do prazer pelo princípio da realidade? Como valorizar a escassez, pois é ela que faz a gente ser criativo e estimula a imaginação. O vazio abre a possibilidade de pensar, sentir e transformar.

Que tal podermos desacelerar a nós mesmos para poder nos conectar com os acontecimentos ao nosso redor, com os outros, e sobretudo, abrir a possibilidade de descobrir para onde estamos indo, quem somos, o que nos move: fazer menos e ser mais.

Dentro ainda da problemática dos excessos, nos deparamos também com o excesso de ódio, violência e intolerância ao diferente. Negros, pobres, índios, mulheres, homossexuais, são cotidianamente agredidos e mortos, inclusive por quem esperava-se dignidade e proteção.

A destrutividade e a desumanização também estão presentes nos discursos de ódio que assolam o mundo digital com palavras carregadas de ofensas, desrespeito e inverdades, as

conhecidas *fakes news*. Soma-se a isso a “*cultura do cancelamento*” onde apenas com um clique cancela-se uma pessoa porque ela disse algo que não concordamos. Absoluta falta de diálogo. Muitas vezes a conversa é convencer o outro da forma que eu penso e não conhecer a forma diferente do outro pensar. Confunde-se conversar com convencer. Escutar com obedecer. Só amo o que é igual a mim.

Dentro dessa “*lógica*” do narcisismo e do negacionismo, o perigoso é a falta de reconhecimento da alteridade, não considerando o outro, a realidade e o sofrimento. O perigo de negar a ciência, relegar as leis da natureza e de “*zombar*” da morte, desconsiderando a dor emocional com a pandemia, o racismo estrutural, com os preconceitos e com o descaso com a vida do outro.

Paulo Endo (2020) propõe uma pergunta: como vamos “*desmonstruosidar*” os negros, os pobres, os homossexuais, ou seja, como vamos retirar desse lugar de “*monstro*” que o colocamos?

De acordo com Bauman e Donskis (2014):

“A malignidade, atualmente, não está restrita às guerras ou as situações extremas, mas à insensibilidade diária diante do sofrimento do outro, à incapacidade ou à recusa de compreendê-lo que se escondem na vida cotidiana”. (Rea, 2020, p.169).

Neste momento, simultaneamente, nos deparamos com um elemento da natureza – o vírus da Covid-19 e também com o “*vírus humano*” do racismo, da desigualdade social e da violência. Além do impacto inicial, temos caminhos diferentes para reagir, caminhos mais realísticos, solidários ou caminhos negacionistas e de indiferença. Pois bem, o que está em questão neste momento, é, em que mundo viveremos e que humanos seremos depois disso tudo. Essas respostas vão depender de como cada um de nós se posicionar diante dessas situações.

Como evitar o “*anestesiamento*” dos afetos, onde a interrogação do sentido é substituída pela performance, onde o sofrimento e a tristeza estão proibidos e o trabalho de luto amordaçado. Sabe-se que o que não se pode fazer simbolicamente começa a se impor como ação na realidade.

Como poder refletir, nos deixar ser “*tocados*”, reconhecer o sofrimento, o nosso, o do outro, a necessidade de trabalho psíquico para fazer destes acontecimentos uma nova oportunidade de descentramento do eu e quem sabe de um novo olhar para o outro, para o coletivo e para as desigualdades sociais? Ou continuaremos cegos?

É a cegueira moral contemporânea ou miopia ética que trata da posição desumana ou indiferente perante meu diferente, como uma fuga da dor. Dor narcísica, poderíamos completar (Rea, 2020, p.169).

1920-2020, nos cem anos do *Além do princípio do prazer*, da criação por Freud da pulsão de morte, o sujeito contemporâneo encontra-se ocupado com a violência maciça da potencialidade destrutiva que habita o humano e a cultura nesses tempos de dor e perda.

Pois bem, estamos diante do “jogo” entre *Eros e Thanatos*. Como compor esse “jogo” de formas que o mesmo possa continuar e que a vida se sobreponha ao mortífero, a indiferença e a destruição do homem, do semelhante e da natureza,

Sendo assim, “em pleno século XXI cabe a atualidade da resposta que Freud oferece a Einstein em *Por que a guerra?* (1932-1969): Se o homem é habitado pela pulsão de morte, importante investirmos em vínculos emocionais amorosos que utilizem a identificação para estabelecer um equilíbrio entre amor e destrutividade.” (Rea, 2020, p.241-264).

Precisamos, então, a refundação de pactos civilizatórios e da constituição de uma subjetividade em torno da vida. Recriação de novas práticas e de um novo laço simbólico, pautado no reconhecimento da alteridade, no compartilhamento e na possibilidade das pessoas se ampararem dentro da consciência de um coletivo único. Dependemos mais do outro do que a gente imagina. Ou vamos continuar a não querer ver, não querer sentir, não querer ouvir, não querer aceitar nada que diga respeito à realidade da própria vida? A nossa fragilidade, o sofrimento, a velhice, a morte, o diferente?

Somos livres para sugar o máximo da natureza, da gente e do outro? Talvez haja limite para o nosso desejo, para nossa voracidade, e para nossa indiferença. O que podemos fazer de nós mesmos a partir disso tudo? Essa é a grande questão ética que nos interroga.

Referências

- Antonio Quinet. (10 de junho, 2020). *Psicanálise e Urgências da época - Colette Soler e Antonio Quinet - Análise on-line*. [Arquivo de vídeo]. YouTube.
<https://www.youtube.com/watch?v=O3jMSX4fuPc>
- Bauman, Z., & Donskis, L. (2014). *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1969). *Além do Princípio do Prazer*. In: ed. Standard brasileira, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, p. 17-90). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1969). *O Futuro de uma Ilusão*. In: ed. Standard brasileira, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21, p. 26-27). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1927).
- Freud, S. (1969). *Por que a Guerra?* In: ed. Standard brasileira, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 22, p. 241-264). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1932).
- Kehl, M. R. (2015). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. Boitempo Editorial.

- Rea, S., 2020. A indiferença do Narcisismo com o Outro. [Blog] Blog de Psicanalise, Available at: <<https://psicanaliseblog.com.br/2020/05/28/a-indiferenca-do-narcisista-com-o-outro/>> [Acesso 30 Agost 2020].
- Saramago, J. (1995). Ensaio sobre a Cegueira, 1ª edição. São Paulo. Companhia das Letras.
- Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. (05 de junho, 2020). Endo, P: *Sexta Científica SBPdePA - Sonhos em Tempos Traumáticos* [Arquivo de vídeo]. YouTube. <http://www.youtube.com/watch?v=cWQ3NXh5tUE>